

## Prólogo

• • • • •

O Padre Crisóstomo, ajoelhado diante do pequeno crucifixo na sua cela, teve os pensamentos interrompidos por uma pancada na porta.

— Só um momento — disse o jesuíta, afastando a imagem da mulher que entrevira no parque: os olhos provocantes, o pulso delicado, o aroma almiscarado a flutuar no ar. Ela fazia parte do harém do sultão, mas não havia ele percebido um ligeiro galanteio quando ela o encarara e, tinha que admitir, não o havia ele retribuído?

Prometendo para si próprio mencionar aquilo na confissão da manhã, recitou uma prece rápida, perguntando-se enquanto o fazia quem o poderia estar a visitar àquela hora. Levantou-se do chão, ajeitou a túnica castanha e abriu a porta. De pé à sua frente estava padre George, com um ar de surpresa no rosto; atrás do bom homem havia dois janízaros, com os seus turbantes altos a fazer pouco do padre baixinho e gorducho.

— Eles desejam vê-lo — disse o padre George nervoso, virando os olhos para cima para indicar os soldados do sultão. — Vieram do palácio com um recado. É urgente. — O coração do padre estava aos pulos. Teria o eunuco que escoltava a mulher do harém percebido o seu olhar naquela manhã? Nenhum homem, nem mesmo um padre, ousava olhar para as escravas do sultão. Estariam eles ali para prendê-lo, ou coisa pior?

Um dos soldados especiais estendeu um envelope para o padre Crisóstomo. Ele abriu-o com pressa e leu a mensagem curta: “É imprescindível que o senhor obedeça aos janízaros e venha imediatamente.” Procurou uma assinatura, mas o bilhete não dava nenhuma pista de seu autor.

— Só um instante, por favor — disse, levantando os olhos para os homens, com apreensão. — Sou o vosso mais humilde servo. Tenho só de ir buscar a minha capa.

Assim que ajeitou o manto de lã sobre os ombros e apagou a vela no seu quarto, o jesuíta saiu atrás dos janízaros. Havia chovido, e o aguaceiro de Verão causava uma neblina espessa, mas, sem mais ninguém nas ruas, eles desceram depressa a colina de Pera até ao cais de Gálata, onde um caíque boiava entre as ondas. O padre contou os dez pares de remadores e viu que a embarcação pertencia a um alto oficial do palácio.

Depois de se acomodar sobre as almofadas do convés, o padre Crisóstomo tentou conseguir informações sobre quem o havia chamado, mas sempre que começava a falar os soldados do sultão lançavam-lhe um olhar feroz e diziam-lhe para se calar.

— Logo descobrirá — disse um dos janízaros, enrolando o bigode comprido enquanto falava. Os remadores remavam com velocidade pela escuridão, e o padre logo pôde distinguir o lado europeu do Bósforo e o palácio de Beshiktash. Assim que a embarcação encostou no cais, os janízaros saltaram para terra firme e puxaram o padre consigo.

Dentro do palácio, o padre Crisóstomo quis parar e admirar o luxo dos aposentos, cada qual mais ornamentado do que o outro, mas os soldados fizeram-no passar depressa pelos salões dourados. Finalmente chegaram diante de uma pesada porta pintada, onde um eunuco negro estava de guarda.

— Trouxemo-lo o mais depressa que foi possível — sussurrou o mais velho dos janízaros. O eunuco flácido levantou um dedo, indicando que deveriam esperar, enquanto desaparecia lá dentro. Quase imediatamente estava de volta à porta, acenando para o padre jesuíta entrar. Seria para ali que o estavam a chamar?

O padre Crisóstomo entrou no aposento com cautela. O cheiro pungente de sândalo e incenso enchia o ar, disfarçando o cheiro de doença. Olhou à volta, apercebeu-se das tapeçarias de seda penduradas nas paredes e atravessou os tapetes estampados até a cama, da beira da qual um médico grego acenou para que ele se aproximasse mais. Em baixo do mosquiteiro estava uma mulher deitada, imóvel. Olhando para o seu rosto de relance, viu de imediato que ela estava pálida como um fantasma. Calculou que já passasse dos quarenta anos, mas, mesmo naquela idade avançada e com a sua doença terminal, reparou nos seus traços delicados e faces como pêssegos ressequidos, e apercebeu-se que ela havia sido uma grande beldade quando jovem. Certamente não era ela o motivo da visita.

Enquanto espiava através do tecido branco, escutou um discreto tossir, e só então se apercebeu da figura escondida de um jovem barbado nas sombras. Foi preciso apenas um segundo para o padre se dar conta de quem o havia chamado, e tentou esconder o próprio medo, enrolando e apertando cada vez mais a corda do cinto em volta dos dedos. Já estivera diante de personagens poderosos antes, mas nenhum tão assombroso quanto aquele homem.

— Você está aqui por minhas ordens — disse o sultão, e o padre curvou-se, tanto por terror quanto por respeito. Então, como se o padre houvesse tido escolha naquele assunto, o governante pôs a mão sobre o próprio coração e acrescentou:

— Obrigado por ter vindo. Prometi a minha mãe que ela morreria como desejava. Por favor — sussurrou ele, meneando a cabeça em direcção à cama —, dê-lhe a extrema-unção. — Com isso, o sultão saiu do quarto e indicou aos outros que eles deviam segui-lo.

O padre Crisóstomo deu um suspiro de alívio, tirou o manto e o colocou com cuidado sobre uma cadeira; foi então que se apercebeu do eunuco negro de pé no canto do quarto. O padre olhou para ele com ansiedade — para o seu rosto feminino, para o seu pescoço grosso e para a sua barriga curvilínea —, mas, sem dizer nada, puxou uma cadeira até junto da cama e sentou-se ao lado da rainha-mãe. Sabia que, durante os últimos oito anos, aquela mulher, agora tão frágil, havia sido a mulher mais influente do império: a conselheira de confiança de seu filho, o sultão Mahmud II, e o rosto público do governante particular. Os otomanos a chamavam de sultana *valide* Nakshidil, e chamavam o seu filho de padixá, a sombra de deus na terra, o califa, líder de todos os muçulmanos. Agora ela queria-o a ele, um padre jesuíta, ao seu lado.

— Sultana *valide* Nakshidil — sussurrou ele com uma voz que pretendia acalmá-la — estou aqui para si, e pelo tempo que desejar. Por favor, comecemos com uma prece.

— Ó padre, a minha cabeça está tão cheia — respondeu ela debilmente. — O senhor deve saber que não fui boa católica. Assim que cheguei ao harém, fui forçada a tornar-me muçulmana. Fiz o que pude... preces secretas... Cristo... — e sua voz dissipou-se.

O padre tomou a sua mão frágil e a segurou enquanto ela recuperava a força. Quando viu que ela estava pronta para falar de novo, assentiu com a cabeça para incentivá-la.

— O harém pode ser um lugar terrível... — confidenciou ela — cheio de intrigas... havia uma mulher ruiva, eu... — a sua voz desapareceu. O eunuco chegou mais perto para intervir. Com sua voz aguda de *castrato*, alertou:

— Minha querida, estás fraca, e há coisas sobre as quais não deves falar. Nem mesmo a um padre.

Pouco depois, o padre tirou um pequeno frasco de dentro da túnica e ungiu a mulher com o óleo. Ajoelhando-se ao seu lado, disse:

— Por esta unção abençoada, e por Sua misericórdia cheia de amor, possa o Senhor assisti-la pela graça do Espírito Santo, para que quando a senhora estiver liberta dos seus pecados Ele a possa salvar e com a Sua bondade alçá-la aos céus.

Logo depois de conferir a extrema-unção, dando-lhe a remissão dos pecados veniais e tornando-a isenta de culpa por pecados mortais inconfessos, viu que a mulher ficou completamente imóvel. Tomou-lhe o pulso, mas qualquer sinal de vida havia desaparecido; cruzou-lhe os braços em cima do peito e fechou-lhe as pálpebras. Atravessou o aposento para pegar no seu manto, mas o eunuco estava a apertá-lo contra o peito como se ele fosse uma bóia de segurança que o ligasse à *valide*. Com delicadeza, o padre tocou no braço do homem, vestiu o seu casaco e seguiu aquele estranho personagem que caminhou até a porta com um passo ligeiramente manco. O padre Crisóstomo olhou à volta à procura dos janízaros, mas eles já haviam desaparecido.

— Vou levá-lo de volta ao seu mosteiro — disse o chefe dos eunucos negros, adivinhando o que passava pela cabeça do padre. — O caíque está à espera.

Fizeram a travessia em silêncio dentro da embarcação, e depois de ela tornar a atracar no cais de Pera, quando os dois homens estavam na porta do convento jesuíta, o padre Crisóstomo convidou o eunuco a entrar.

— Por favor — insistiu ele —, esta foi uma noite difícil. Compartilhe comigo um copo de néctar bom e forte. Fará bem a ambos. — O orgulhoso eunuco que, embora de altura modesta e com uma perna mais curta do que a outra, tinha um porte principesco, respondeu que raramente bebia álcool, não porque a sua religião o proibisse, mas porque o álcool lhe subia à cabeça. Mesmo assim, concordou ele, era verdade, aquela noite havia sido difícil, e agradecido, aceitaria a oferta do jesuíta.

Enquanto os dois homens bebiam o seu vinho, a conversa, inicialmente lacónica e entrecortada, tornou-se mais amigável. O padre Crisóstomo contou anedotas sobre a vida em Pera com os francos, e o visitante sorriu ao ouvir as divertidas histórias sobre os europeus, mas, taciturno por natureza, pouco revelou sobre a sua própria vida no palácio. O padre ansiava por saber o que o eunuco havia impedido a rainha-mãe de dizer, e orgulhava-se da sua capacidade de extrair confissões, mas sabia que era preciso abordar o assunto com extrema delicadeza. Começou por fazer as perguntas habituais, qual era o nome do homem, há quanto tempo estava no palácio, que cargos havia ocupado e assim foi indo. Finalmente, perguntou como havia ele chegado ao poderoso cargo de chefe dos eunucos negros.

— Por causa da sultana *valide* Nakshidil — foi a resposta do eunuco, cujo apelido era Tulipa.

O padre prosseguiu, contando histórias sobre a sua própria família, as irmãs e irmãos, e em especial sobre a mãe. Então tornou a abordar o assunto da rainha-mãe.

— O senhor conhecia-a bem?

— Essa é uma pergunta difícil, padre. Nenhum de nós é o que parece. Todos somos mais do que queremos que os outros saibam, e menos do que nós próprios queremos acreditar.

— Mas?

— Com o passar dos anos, tornámo-nos mais próximos.

— O senhor deve ser uma pessoa especial para ter sido tão próximo de uma mulher assim — disse ele, esperando que o elogio fosse fazer o homem falar.

O eunuco deu outro gole no vinho e pousou o copo vazio sobre a mesa.

— Ela salvou a minha vida certa vez, e eu salvei a dela.

O padre Crisóstomo inclinou-se e, enquanto tornava a encher o copo de ambos, Tulipa continuou.

— Era uma boa mulher, e lutava por aquilo em que acreditava. — Os seus olhos começaram a encher-se de lágrimas. — Sentirei profundamente a sua falta quando ela se

for. — Parou por um instante e, engasgando-se com as palavras, corrigiu-se. — Agora que ela se foi...

O padre jesuíta ouviu a angústia na sua voz.

— Por favor, meu amigo — disse com delicadeza. — Vejo que está cheio de tristeza. Às vezes é melhor falar. Fale-me sobre a sultana *valide*. Sei que os escravos do palácio são obrigados a converter-se ao islamismo. Como pode o sultão ter-lhe permitido morrer católica? Quem era ela, e de onde veio?

Fazia muito tempo desde que o visitante falara com alguém sobre a sultana *valide* Nakshidil, e embora eles tivessem sido próximos e ele tivesse ficado a saber de muitas coisas ao longo dos anos, jamais traíra a sua confiança.

— Eu levaria muitas noites para contar toda a história — disse o eunuco.

— O senhor é bem-vindo para voltar quantas vezes desejar — retrucou o padre. — Espero que passemos muitas noites juntos.

O eunuco deu outro gole no líquido forte, afrouxou o cinto e, com uma lacrimosa voz de soprano, começou a contar uma estranha história.